



COVID-19:

# A FORÇA DO RÁDIO

Foi através das ondas do rádio que nós nos conectamos e mostramos a nossa credibilidade. Diante de uma das crises mais graves da história, também é pelo radinho que a população mais se sentiu informada e munida de conteúdo, diversidade e bom humor, do jeito que só a Metrópole sabe fazer. E não a gente que tá falando, são os números que comprovam. Págs. 4 e 5

# DOIS ASSÉDIOS, DUAS MEDIDAS?

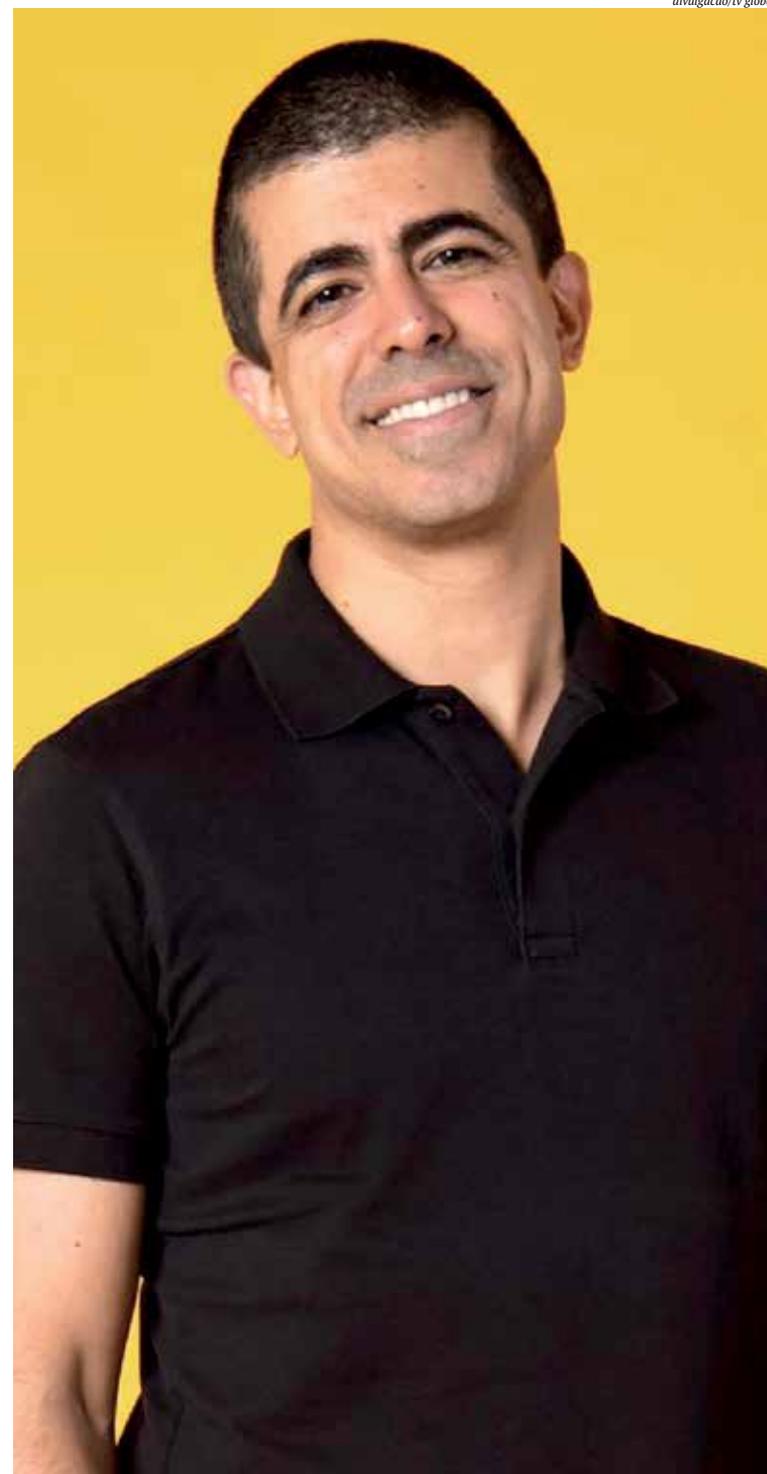
Por **James Martins**  
james.martins@metro1.com.br

“Os nossos japoneses são melhores que os japoneses dos outros”. Lembrei do inesquecível slogan da Semp Toshiba enquanto pensava no tratamento dado ao caso Marcius Melhem, acusado de assediar moral e sexualmente colegas de trabalho na Rede Globo. Primeiro, de parte da própria Globo, que levou exatamente um ano após as primeiras denúncias para se manifestar. Mas também pela militância feminista, que não lançou, pelo menos até a reportagem da revista Piauí, nem hashtags nem convocações de cancelamento, como aconteceu e sói acontecer em outros casos. Fiquemos com o exemplo de José Mayer: tão logo tornou-se pública a denúncia contra ele, também acusado de assédio, rapidamente a emissora o afastou do quadro de atores e o próprio Jornal Nacional manifestou as razões. Zé Mayer encarnava, naquele momento, a versão brasileira de Harvey Weinstein. No caso d’agora, como eu já disse, o JN só foi levado a falar depois que a merda no ventilador estava incontrolável. A Globo, que até então não tinha sequer afastado seu diretor de humor, justificou que não podia quebrar o

“compromisso de sigilo” feito com os colaboradores. Vá lá. Mas e a militância, por que não pressionou antes? Há quem argumente que a reputação de Marcius, responsável por adaptar o Zorra Total a uma cartilha mais, digamos, politicamente correta, o manteve como que blindado até a publicação da reportagem citada e a atriz Dani Calabresa (mesmo a contragosto) botar a boca no mundo. E aí surge a questão: alguns assédios chocam mais que outros? A comoção maior ou menor depende dxs envolvidos? Se os então boatos surgidos ano passado fossem contra, por exemplo, um Alexandre Frotta da vida, o pessoal esperaria com tanta parcimônia o desenrolar da coisa? Alguns japoneses são mais ou melhores japoneses que outros? Parece que sim. Para ficar na dramaturgia, lembremos quando a deputada federal Maria do Rosário defendeu a cusparada de José Abreu no rosto de uma mulher. A ví-

**Mulher de direita seria menos mulher?**

tima foi cuspada porque o seu marido acusou o ator de mau uso de recursos da Lei Rouanet. A cena é: um homem cospe na cara de uma mulher para agredir ao marido desta. Mas a parlamentar feminista justificou a “cabeça quente” do ator com quem compartilha a visão política. Eis o que me pergunto (e também a você que lê): Rosário teria a mesma interpretação se o ator fosse outro? Ou se fosse outra mulher? Mulher de direita (sic) seria menos mulher? Ou ator de esquerda menos (ou nada) agressor? Pois bem, o caso Marcius Melhem reacende a discussão. Por outro lado, há que se repensar o uso das ferramentas. Questionado sobre seu suposto silêncio, o humorista Paulo Vieira defendeu-se alegando que passou pelo menos duas horas depondo em prol de Dani Calabresa junto à direção da Globo. Ou seja, é claro que redes sociais são importantes (e muita coisa se conseguiu graças a elas, por denúncia ou pressão), mas a vida é muito maior e nem tudo cabe ali ou deveria ser ali abordado. Seja como for, a complexidade da situação só reforça a importância das bandeiras levantadas — no caso, a feminista. Pensar o modo de empunhá-las, no entanto, é crucial para o tiro não sair pela culatra, como às vezes acontece.



divulgacao/tv globo

Publisher **Editora KSZ**  
Diretor Executivo **Chico Kertész**  
Editor **Alexandre Galvão e Matheus Simoni**  
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**  
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**  
Redação **James Martins, Juliana Rodrigues e Matheus Simoni**  
Revisão **Matheus Simoni**

Comercial (71) 3505-5022  
comercial@jornaldametropole.com.br

**Jornal da**  
**Metrópole**  
Grupo Metrópole  
Rua Conde Pereira Carneiro, 226  
Pernambúes CEP 41100-010  
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

# VESTIBULANDOS EM ESPERA APÓS LAMBANÇA

# 150

vagas foram ofertadas para o curso

Após “pane” em vestibular da Bahiana, alunos querem respostas sobre o processo seletivo da instituição de ensino; professor reclama de “atitude irresponsável”

## Medicina

Texto **Matheus Simoni**  
matheus.simoni@metro1.com.br

Após estudantes relatarem dificuldades para realizar a prova de vestibular da Escola

Bahiana de Medicina na semana passada, a instituição decidiu anular o Processo Seletivo Formativo de Medicina 2021.1 na modalidade online. A medida ocorreu depois de travamento da prova, que ficou impedida de ser acessada pelos vestibulandos.

Em desabafo nas redes sociais, o professor André Luis, que trabalha em escolas particulares de Salvador, criticou a falta de suporte para a prova. “Uma atitude completamente de descaso com os nossos alunos”, disse o professor.

## BAHIANA GARANTE “LISURA”

A instituição disse, em comunicado, que ainda será disponibilizado aos candidatos participantes a inscrição automática em um novo Processo Seletivo, que será

realizado no próximo ano, e garante a restituição da taxa de inscrição para aqueles que não desejarem fazê-lo. Não foi informada a data da nova prova.

### 2020 NÃO FOI UM ANO FÁCIL!

A PANDEMIA CHEGOU EM SALVADOR  
**ORIENTAMOS COMO EVITAR O CORONAVÍRUS**

O ISOLAMENTO AFETOU O BOLSO DO SOTEROPOLITANO  
**APROVAMOS O AUXÍLIO EMERGENCIAL MUNICIPAL PRA AJUDAR**

COMERCIANTES CHEGARAM AO LIMITE  
**APROVAMOS A REABERTURA DO COMÉRCIO COM SEGURANÇA PARA TODOS**

O QUE NÃO ME DERRUBOU SÓ FEZ ME FORTALECER.  
**VENHA, 2021! SALVADOR VAI VOLTAR A BRILHAR COM VOCÊ!**



W7 em Comunicação / RPP



ESPECIAL

# MAIS FORTE DO QUE NUNCA

Pandemia reforça importância do rádio como meio de informação, credibilidade e entretenimento

## Pandemia

Texto Equipe Metrópole  
metro1@metro1.com.br

Emissoras de rádio do País inteiro viveram um fenômeno parecido no início da pandemia: a debandada dos anunciantes. O temor geral era de que, com todo mundo em casa, ninguém mais fosse ouvir rádio - meio consumido principalmente no trânsito, nas grandes cidades por exemplo. Porém, a audiência surpreendeu.

Segundo a Kantar Ibope Media, 75% das pessoas que ouviam rádio antes da crise da covid-19 afirmaram, no estudo Inside Radio 2020, que estão consumindo na mesma intensidade. Outros 17% responderam que passaram a ouvir muito mais.

**Mesmo com  
pandemia,  
rádio segue  
firme no  
gosto popular**



# CRESCCE O NÚMERO DE OUVINTES

O número de ouvintes começou a subir repentinamente já no final de março. Com o isolamento social, as pessoas procuraram a companhia do rádio para ouvir músicas e notícias, enquanto trabalhavam, estudavam ou faziam faxina. Segundo a diretora da Kantar Ibope, Adriana Favaro, “esse período mais introspectivo fez com que os ouvintes passassem a experimentar novos formatos de rádio: 46% dos entrevistados

ouviram serviços de streaming de áudio durante a pandemia e 25% aumentaram o consumo”.

Mas os anunciantes demoraram um pouco para voltar. Para o consultor de comunicação e mídia Paulo Sant’Anna, esse é um reflexo do comportamento das marcas, que às vezes levam mais tempo para detectar tendências. Mesmo assim, o número de novos anunciantes cresceu no Brasil: foram 2.232 durante a pandemia.

matheus simoni/metropress



## METRÓPOLE SEGUE MARCANDO PRESENÇA NO GOSTO POPULAR

matheus simoni/metropress

Para as marcas, anunciar em rádio, sobretudo em tempos de crise, traz várias vantagens, porque é barato e eficaz. E tem também o aspecto da regionalidade. Há cidades onde só o rádio chega. Esse é a importância da **Metrópole**, que segue firme com seu público, mesmo em um período de grave crise no país.

**75%**  
das pessoas seguem nas programações





# MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole

## INFÂNCIA MORTA E ZUMBIS

Duas cenas chocantes de uma mesma semana brasileira. Emilly Vitória tinha 4 anos. Sua prima, Rebeca Beatriz, tinha 7. As meninas brincavam na porta de casa, em Duque de Caxias, Baixada Fluminense (RJ). Uma bala perdida atingiu a cabeça de Emilly. Outra, o abdômen de Rebeca. As meninas morreram e entraram para uma das estatísticas mais trágicas do Rio de Janeiro: em 2020 já são 20 crianças mortas nessas circunstâncias. Pela 20ª vez uma bala perdida encontrou uma criança no caminho. Todas em bairros pobres e de periferia. Ninguém viu entre os meninos mortos e as meninas mortas nenhuma criança branca atingida no Leblon, em Ipanema ou na Barra da Tijuca. Mas muita gente acha que isso de balas perdidas terem preferência por CEPs da periferia e por cor de pele é só coincidência.

Numa tarde de dezembro, uma terça-feira, no Centro de São Paulo, a menos de dois qui-

lômetros do gabinete do prefeito da cidade, uma multidão de zumbis da Cracolândia avançou aleatoriamente sobre os carros nas ruas parar roubar de quem estava dentro deles tudo o que houvesse ao alcance dos olhos, depois de exigir celulares e carteiras. Armados com pedaços de pau, com pedras, cadeiras e quaisquer objetos pesados, acoassaram motoristas, destruíram carros ainda em movi-

mento, quebraram vidros de pára-brisas e janelas, entraram em alguns. As imagens feitas do alto registram motoristas tentando escapar e fracassando, avançando com homens e mulheres agarrados ao carro, subindo em calçadas, dando ré na contramão. Passar por aquilo e continuar dirigindo pelas ruas de São Paulo é coisa para fortes.

A cada reportagem ou post em rede social sobre os dois episódios, ambos crônicos e já considerados características das respectivas cidades, a Cracolândia em São Paulo e as crianças assassinadas no Rio, o que aparece em comum é a referência à Polícia. Familiares e vizinhos acusam a Polícia do Rio de ter sido a responsável pelos tiros que mataram as meninas que brincavam na porta de casa. Argumentam que não havia operação, não havia confronto com bandidos. O que todos viram, dizem, foi um carro da Polícia disparar pelo menos 10 tiros na rua de Emilly e Rebeca.

**SÍSIFO** - Diante das imagens de

São Paulo, do comportamento de zumbis bárbaros se jogando sobre os carros para acosar motoristas e ocupantes, o que mais se pergunta é: cadê a Polícia? Como se pairasse sobre os dois episódios a leitura de que a Polícia está presente para apertar gatilhos e deixar crianças mortas na rua e está ausente ou impotente para impedir que as pessoas vivam o pânico de serem atacadas no meio da rua no centro da maior cidade brasileira e tenham seus carros destruídos tão somente por estarem circulando nas ruas do entorno da Cracolândia. Poucos dizem explicitamente, mas o tom das reações é o de que, onde é necessária, a Polícia falta, é omissa, ausente. Onde a infância brinca, sobram policiais para cometer abusos e disparar tiros.

E segue a nossa crônica social. Crianças tombando como pecinhas frágeis no xadrez da violência policial brasileira e no banguê banguê do tráfico. Nenhuma solução parece crível

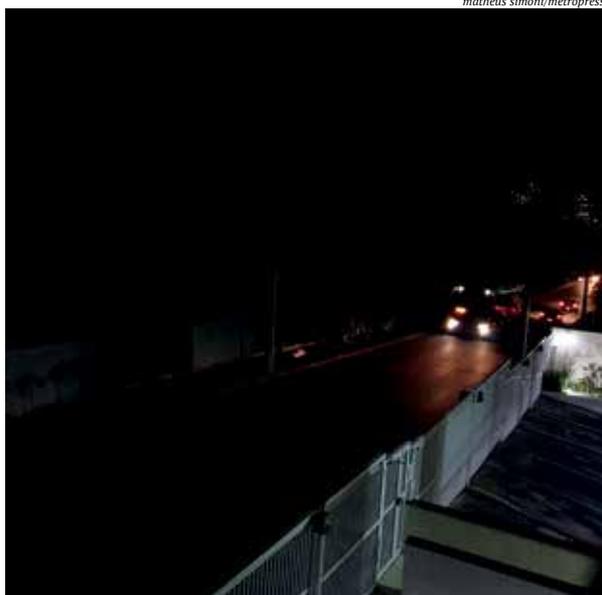
para o cenário de fim de mundo na Cracolândia paulistana. Ali, há quase 30 anos zumbis vagam, entrando e saindo de projetos de ressocialização que parecem inspirados no mito de Sísifo: as pedras continuam desabando, empurrando-os para baixo. O episódio desta semana alimenta o ovo da serpente da violência brasileira, essa aposta crescente no poder do tiro policial para eliminar o medo. E para lembrar da realidade nossa aqui pertinho, um dado novíssimo: a Rede de Observatórios de Segurança revelou esta semana que 97% das pessoas que a polícia matou na Bahia eram negras, o maior índice do país. ■

# 20

crianças mortas no Rio de Janeiro

**Onde é necessária, a Polícia falta, é omissa, ausente.**

# QUEREMOS RESPOSTAS



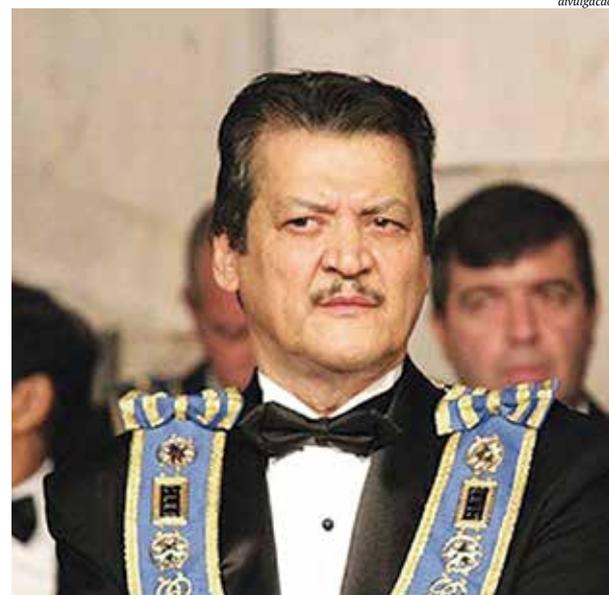
## COELBA

Falta de luz, queda no abastecimento, utensílios domésticos pifando e empresas prejudicadas, como a **Metrópole**. A lista de problemas causados pela Coelba segue crescendo, sem que ninguém tome uma providência.



## CARREFOUR

Em caso de racismo até hoje sem solução, Carrefour acumula perdas e se exime de responsabilidade em assassinato de João Alberto Freitas, morto por seguranças do supermercado no Rio Grande do Sul.



## JAIR TÉRCIO

Líder religioso, acusado de estupro e violação sexual, até hoje não compareceu à Justiça para prestar esclarecimentos. Jair Tércio é considerado foragido e mega operação tenta encontrá-lo há mais de dois meses.



## CÁTIA RAULINO

Denunciada à Justiça pelo Ministério Público da Bahia (MP-BA), suposta jurista é acusada de uso de documento público falso, violação de direito autoral e fraude processual por alunos em diversas universidades.



## ASSASSINO DO MENINO MIGUEL

Após crime cometido em junho de 2019, Paulo Cupertino falsificou identidade no Paraná. Ele matou o ator Rafael Miguel, de 22 anos, é foragido da Justiça e está sendo procurado pela polícia até hoje.



## FRAUDE DOS CONSIGNADOS

Correntistas de diversos bancos (a exemplo de Banco do Brasil, Bradesco, Caixa, BMG e C6) recebem valores nas suas contas e, com eles, a informação de que obtiveram um empréstimo consignado. Valor cresce sem controle.

**SR** Clínica Odontológica  
**Dra. Silvânia Rocha**  
cuidados que fazem a diferença

**ONDE VOCÊ VÊ  
UM PROFISSIONAL,  
EXISTE UMA EQUIPE  
DE ESPECIALISTAS.**

**CLÍNICO GERAL,  
CIRURGIA, DENTÍSTICA,  
DTM, ENDODONTIA,  
ORTODONTIA, ODONTOPEDIATRIA,  
PERIODONTIA E PRÓTESE**

**71. 3052-1880**



# PANDEMIA FORÇA RECUELO DA CULTURA NA CIDADE

Após reabertura com movimento tímido, cinemas e espaços culturais fecham novamente para conter avanço da pandemia; gestores questionam efetividade da medida

## Cultura

Texto **Juliana Rodrigues**  
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Cerca de três meses após o decreto que liberou a retomada das atividades em cinemas, teatros e casas de espetáculo de Salvador, publicado em 11 de setembro, um novo fechamento foi determinado pela prefeitura e começou a valer nesta quarta (9). A medida, anunciada na segunda (7) pelo prefeito ACM Neto, busca conter o avanço de casos de Covid-19 na capital baiana.

Durante esse breve período de reabertura, alguns espaços culturais voltaram a receber o público, enquanto outros não reabriram as portas. Nos cinemas e teatros que retomaram as atividades com adoção de protocolos sanitários, o movimento do público foi tímido. Foi o caso do Teatro Sesc Senac Pelourinho, que voltou a promover shows em sua arena, ao ar livre, no último dia 19. Até a última quinta (3), artistas locais como Ione Papas, Ana Paula Albuquerque e Dão se apresentaram no espaço.

De acordo com a gerente da unidade, Meire Macedo, o públi-

co respeitou as medidas sanitárias, a exemplo do uso de máscara e do distanciamento social. “A gente teve um público tímido, mas com bons resultados. Reabrimos com toda a segurança, seguindo rigorosamente o protocolo, disponibilizamos álcool gel, demarcamos o espaço. Todos os frequentadores respeitaram”, disse.

O novo fechamento levou o teatro a cancelar a programação das semanas seguintes, que já estava definida: “A gente já tinha feito cerca de seis shows. Já tínhamos programado até o final do mês, mas tivemos que interromper. Contudo, a gente compreende que o momento é delicado”.

# 90

dias após abertura, cinemas e espaços voltam a fechar



# CINEMAS SÃO “ESPAÇOS CONTROLADOS”, DIZ DIRETOR

Os cinemas de Salvador logo se adaptaram aos protocolos estabelecidos pela prefeitura. Algumas salas, como as do complexo UCI Orient, voltaram a funcionar no dia 17 de setembro. Outras só retomaram as exibições em outubro, a exemplo do Cinema Ark e do Espaço Itaú de Cinema. “A resposta foi o que a gente esperava, cautela, receio, mas ao mesmo tempo entendendo que a

ida ao cinema é uma coisa muito importante. Os números estavam ainda abaixo do patamar máximo de público, mas a gente está mostrando que o cinema está vivo”, diz o diretor do Espaço Itaú, o cineasta Cláudio Marques. Embora o funcionamento limitado das salas seja insuficiente para recuperar os prejuízos dos meses de pandemia, Marques defende que esses locais per-

maneçam abertos e faz críticas à decisão recente da prefeitura: “Temos certeza de que as salas de cinema não são um foco de Covid, porque são espaços controlados. É importante que elas continuem abertas, porque a luta que há hoje em dia com os gigantes do streaming é muito forte. Nos aviões não há distanciamento e ninguém falou em proibir voos”.

# CAUTELA: PÚBLICO NÃO VIU RISCO

O público que esteve nos cinemas locais durante o período de reabertura parece compartilhar dessa visão. “As salas estavam bem vazias e mesmo assim tem duas cadeiras distanciando uma pessoa da outra. Foi muito bom poder fazer algo normal depois de tantos meses de anormalidade”, diz a estudante Laiz Menezes, 20 anos. Essa posição é reforçada pela arquiteta Cecília Micow, 28

anos: “Me senti segura pelo ambiente vazio. Acho que é porque muita gente está evitando o cinema ainda”. Já o recepcionista Gabriel Lima, 27 anos, questiona a efetividade das medidas de segurança. “Achei os protocolos muito elásticos. Nunca vi esses protocolos de fato serem efetivos. Compramos pipoca e comemos sem máscara, como boa parte dos outros clientes”, afirma.



divulgação

# RECEOSOS EVITAM REABERTURA

Uma pesquisa da Universidade de Stanford, na Califórnia, divulgada no mês de novembro, avaliou que os locais com maior chance de contaminação pelo coronavírus são restaurantes, bares, hotéis e centros religiosos. Os cinemas e teatros não aparecem entre os vinte ambientes mais perigosos.

Mesmo com o risco considerado baixo, alguns espaços culturais de Salvador não chegaram a reabrir durante o período de liberação. Foi o que aconteceu com as salas do circuito Saladearte e o Teatro Vila Velha,

que mantiveram suas atividades online. Nas redes sociais, o circuito Saladearte informou que não conseguiria reabrir por dificuldades de readequação.

Quanto ao Vila Velha, o diretor artístico Márcio Meirelles não considerou o momento seguro para uma retomada presencial. “A gente não tem segurança de uma assistência por parte do Estado. O Sistema Único de Saúde está sendo desmontado, a população mais carente não tem assistência e o teatro existe pela saúde da cidade. Não queremos arriscar os funcionários, o público e os artistas. Pela internet, temos a participação de artistas de outros lugares, e nossos conteúdos chegam a todo o mundo. A arte precisa ocupar esse espaço virtual”, avaliou.

Com o novo fechamento dos cinemas, teatros e casas de espetáculos de Salvador, a internet volta a ser a principal arena da cultura em tempos de pandemia.

**Atividades online ganham nova força**

ENTREVISTA

# GONZALO VECINA



## ■ Médico sanitário e professor universitário

O médico sanitário Gonzalo Vecina Neto, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP, avaliou o atual panorama da pandemia de coronavírus no Brasil e destacou o papel do Sistema Único de Saúde (SUS) no atendimento da população doente. Em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrôpole**, ele defendeu que qualquer tipo de política pública de desmonte desse planejamento é prejudicial para a Saúde no Brasil. “Dá para ver olhando para os EUA. Lá não tem SUS. Quem teve a doença e teve que ir para o hospital, ao sair, tiveram que vender a casa ou o carro para pagar a conta do hospital. Teve muita gente que nem isso conseguiu, porque não tinha nada para vender e não conseguiu se internar. Quem

‘salvou a lavoura’, por assim dizer, aqui no Brasil foi o SUS, que aguentou as pontas. Lógico que o SUS tem problemas, mas não é o SUS, o Brasil tem problemas. Temos que resolver. Não é que o SUS tem problema de gestão, o Brasil tem problema

## SUS

de gestão”, afirmou o médico. “Não dá para melhorar o SUS e não melhorar o Brasil. Sem SUS, não tem jeito. Sem SUS, sem civilização”, acrescentou. Questionado por MK, Gonzalo Vecina comentou a atuação de Eduardo Pazuelo no Ministério da Saúde. “Passamos uma vergonha danada no mundo inteiro por um cara que não é da saúde. Ele é um militar. Ainda bem que não temos guerra”, ironizou. ■

felipe | goncalves/editora 247

# GUILHERME BOULOS

## ■ Candidato à prefeitura de São Paulo

Candidato derrotado à prefeitura de São Paulo pelo Psol, Guilherme Boulos avaliou como positiva a campanha realizada por ele nas eleições deste ano. Após largar com pouco tempo de televisão e sem grandes recursos, ele chegou ao segundo turno com apoio dos principais partidos opositores ao grupo político do presidente Jair Bolsonaro. Na visão de Boulos, o principal resultado da campanha não pode ser medido avaliando somente os números finais do segundo turno. “Uma eleição e um processo histórico qualquer a gente não

mede por uma foto, pelo dia da eleição e da apuração, com quantos votos cada um teve. Um fato histórico a gente mede por um filme, de onde a gente estava antes e onde sinaliza que a gente vá estar depois”, disse, em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrôpole**. “Se a gente olhar o que foi 2018, ganhou a eleição a antipolítica, o sentimento de ódio e do medo. Foram esses os mobilizados para a vitória eleitoral do Bolsonaro. São esses sentimentos, sobretudo o ódio, que têm marcado a maneira como o Bolsonaro tem governado o país. ■

**“Se a esquerda tiver juízo, ela vai aprender as lições de 2018 e 2020. Ninguém sozinho é capaz de derrotar o atraso**



kelly fuzaro/band

# NÃO É HORA DE RELAXAR

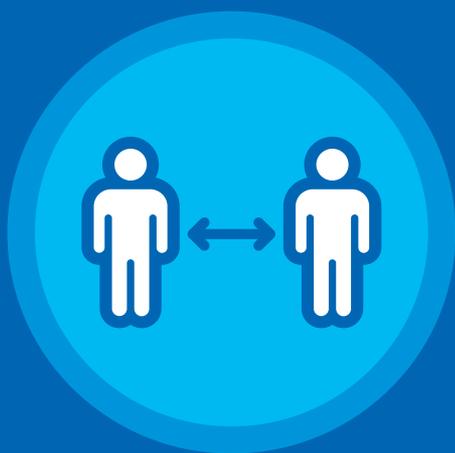
A Prefeitura de Salvador adotou várias medidas: reforçou ações de higienização e desinfecção; voltou a fazer testagem nos bairros; está distribuindo máscaras e reabrindo leitos em hospitais de campanha. Mas mais importante que tudo isso é você fazer a sua parte. Sua atitude faz toda a diferença.



**USE SEMPRE  
MÁSCARA**



**LAVE SEMPRE  
AS MÃOS**



**EVITE  
AGLOMERAÇÃO**



**SALVADOR**  
PREFEITURA

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL